

ERCÍLIA PINTO

ROSAS A ABRIR

POESIAS

bibRIA

EDIÇÃO PREFACIADA

1940
Oficinas da GRÁFICA
LEIRIA

150
(5)

ROSAS A ABRIR

bibRIA

bibRIA

PROPRIEDADE DA AUTORA

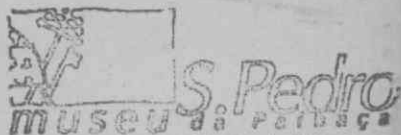
ERCÍLIA PINTO

ROSAS A ABRIR

POESIAS

bibRIA

EDIÇÃO PREFACIADA



Concelho de Oliveira do Bairro

Distrito de Aveiro

3770-355 Patilhaça

Portugal

1940

Officinas da GRÁFICA

LEIRIA

*Todos os exemplares são rubricados
pela autora*

bibRIA

A'

Juventude Católica Feminina Portuguesa

no ano

das Comemorações Centenárias

da

Fundação e Independência de Portugal

em 1940

bibRIA

A' GUISA DE PREFÁCIO

Instada por aquella juventude católica feminina nossa contemporânea em Coimbra e por aquella que connosco tem convivido depois que de lá saímos, abalançamo-nos a publicar o nosso primeiro livro de Versos.

Vimos, pois, simultâneamente satisfazer-lhe o pedido e dedicar-lhe as nossas «Rosas a Abrir».

E' pequeno o livro impresso mas nem por isso deixará de ficar satisfeito o seu e nosso desejo.

As «Rosas a Abrir» ficarão assim a titulo de recordações da mocidade, duma mocidade ousada e impaciente.

Poesias, a maior parte, inspiradas pelos ares de Coimbra, cujo condão, no dizer de A. F. de Castilho, é criarem boninas e versos. Mas as poesias das «Rosas a Abrir» não foram só inspiradas em Coimbra, para a qual, no dizer do sobredito poeta, invocamos sempre os sociais estímulos da poesia,

nasceram também algumas delas noutras terras de Portugal, onde todo êste céu, êste ar, esta terra, — como o mesmo poeta afirma — foram criados para ela.

E depois, também, porque somos portuguesas, não poderíamos fugir a esta tendência poética tão característica em nós.

Há tempos um eminente escritor afirmava num artigo do «Diário de Notícias» que em Portugal havia poetisas a mais e prosadoras a menos.

Por esta afirmação se vê, que a poesia é largamente cultivada pela mulher portuguesa, tornando-se, por assim dizer, quâsi uma necessidade para sua alma sentimental, o que mais a distingue de tôdas as outras mulheres do mundo.

E não será esta manifesta inclinação para a poesia um motivo de orgulho para a Mulher de Portugal? Não será esta a mais fiel expressão duma alma pura, a melhor exte-

*rriorização da verdadeira beleza da Mulher?
Lá diz o Poeta das «Mocidades»:*

«E a Mulher só é estrêla
Quando é na alma que ela brilha
E quando é na alma que é bela».

Ouçamos José Agostinho (Victor de Moigénie) quando faz uma apreciação tão meticulosa do espirito da mulher portuguesa no seu primoroso livro «A Mulher em Portugal»:

«Se a Mulher portuguesa fôr, um dia instruída e educada como precisa, eu creio que não há «cercle» parisiense que não se honre como brilho, originalidade e graça da sua verdadeira e espiritual beleza. Podem excedê-la em tudo, mas em coração, nenhuma mulher europeia talvez a iguale.

E continua: «E tu sabes Mariette, da onnipotência do coração. Quem sente deveras, pensa com vigor. Quem ama, vê. Quem

R O S A S A A B R I R

possue um sentimento perfeito, nobre, deveras puro, está a caminho do mais fecundo, do mais amplo e do mais santo pensamento. Tem tôda a singeleza. Tem a melhor vontade. Dispõe da fôrça dum verdadeiro caracter».

Daqui concluímos nós, também, que quanto mais a Mulher portuguesa se fôr instruindo, e educando, mais e melhores poetisas surgirão neste jardim à beira-mar plantado «nesta tira de sol entre dois azuis — o do céu e o do mar».

E' êste clima, êste ambiente, esta natureza exuberante a seduzir-nos a alma para a contemplação do Belo!

E se a Mulher portuguesa possui assim, como diz Victor de Moigénie, um sentimento tão nobre, tão puro, tão santo, procurará sempre traduzi-lo no feitio mais elegante da dicção e portanto mais propriamente feminino — o Verso.

R O S A S A A B R I R

Aqui têm, pois, as leitoras a razão porque nos orgulhávamos se nos qualificassem de poetisa a-pesar-de as haver demais em Portugal, na opinião de alguns escritores.

E' certo que as raparigas da J. C. F. já nos têm chamado poetisa, mas são ainda bastante novas, e portanto, ainda inconscientes, para assim nos julgarem.

E é por isso, que, ao atirmos aos ventos da publicidade as nossas «Rosas a abrir» não nos atrevemos a pedir um prefácio para elas a qualquer poeta ou poetisa ilustre, porque tínhamos receio de lhes macular com o nosso trabalho tão despretencioso a sua reputação.

Apenas Vos podemos dizer que algumas destas poesias já foram publicadas na Página Feminina do abalizado diário Católico de Lisboa—«Novidades»—sob a direcção da mais distinta escritora e poetisa portuguesa — a Ex.^{ma} Senhora Dona Maria de Carvalho.

R O S A S A A B R I R

O nosso primeiro livro de versos não é pois, como é costume, apresentado por qualquer homem ou mulher de letras, porque partimos do princípio que um livro deve ser como um amigo. Se nos agrada à alma, ao coração, se possui qualidades, se nos agrada sobretudo à consciência, se simpatizamos com êle, não é necessário que no-lo apresentem; nós espontaneamente o aceitamos no nosso convívio e até na nossa intimidade.

E como as nossas «Rosas a Abrir» são dedicadas às nossas amigas, às raparigas da J. C. F. que da mesma forma nos receberam, não deverão ter escrúpulo em enfileirar na sua estante o nosso livro, que vem a ser a final, a nossa alma impressa.

Abril de 1940.

A AUTORA

R O S A S A A B R I R

«ROSAS A ABRIR»

Eu qu'ria que ao abrirem estas Rosas
Fôssem tão belas como a Mocidade...
Que fôssem rosas... rosas de saúde...
Sempre floridas... sempre bem cheirosas!

Rosas de Abril... que fôssem tão mimosas
Como os sonhos da nossa fresca idade...
Mas as *Rosas a abrir*... quem é que as há-de
Colhêr tão orvalhadas... lacrimosas?!...

Ai! Mas se a minha alma é como a roseira
Que vive sem amparo... assim rasteira,
Tal como as dos jardins dos pobrezinhos...

Não te admires tu, ó Juventude,
Se vir's *Rosas a abrir* num ataúde
Ou caídas... pisadas p'los caminhos!...

CRUZEIROS

Encontram-se muitas vezes,
Sobranceiros aos caminhos...
Os cruzeiros portugueses
A caírem de vêlhinhos

Um aqui... outro adiante...
Assim foram colocados
P'ra lembrar ao caminhante
A fé dos antepassados.

Trigueiros e carcomidos
Rodeia-os a solidão
Onde jazem esquecidos
Como simb'los de oração!

Alma de crente que os vês
Ao passares pela estrada
Repara que és português
Que essa cruz te foi deixada!

R O S A S A A B R I R

Quando um dia a vir's caida
Levanta do chão a cruz
— P'ra ser de novo erguida
À memória de Jesus!

E saúda-os co'uma prece...
Presta-lhes a tua homenagem
Que do Céu, Deus agradece
A quem ora na viagem!

Fôra sempre a cruz de Cristo
A divisa Nacional...
País de Deus... mais bemquisto...
Fôra sempre Portugal!...



ÓRFÃ DE MÃI

Sempre triste... de face descòrada...
Encontro no caminho esta criança...
Tôda suja... de roupa esfarrapada...
E a revelar no olhar desconfiança.

Um dia que a vi, veio-me à lembrança
Preguntar-lhe quem era... e pelos pais...
Mas a infeliz não responde... e sem tardança...
Põe-se a chorar... aos gritos... e aos ais!

Num instante adivinho aquela dor...
E sem mais perguntar, beijo a inocente,
Que se lembra da Mãi... do seu Amor...

... E ao colo lhe peguei tão docemente...
Que julga que é da Mãi o meu calor...
Mas o colo da Mãi... era mais quente!...

TÔRRE-DE-ANTO

(residindo nela Alberto de Oliveira)

Ao ver sair o fumo da saúde
Dessa Tôrre que foi de Antônio Nobre,
O olhar parece que 'inda nos descobre
Qualquer chama a brilhar na 'scuridade.

Mas que vê o olhar nessa soledade?...
Na sombra que lá dentro tudo cobre?...
Se a morte já levara Antônio Nobre
Do convívio da douda mocidade!...

...Mas na Tôrre 'inda há chama que crepita...
O que o olhar não vê... sente o coração...
E êl' sente que lá dentro... outra alma habita...

...Alma de poeta... alma em solidão,
Que ficara a viver nessa guarita,
P'ra receber poetas que lá vão!...

SERRAS

Eu gosto das campinas, mas às serras
Eu tenho grande amor e simpatia,
Por não haver barulho, gritos, guerras,
Que me quebrem as asas da Poesia.

São horizontes meus, tristeza bela,
Serras ao pôr do Sol em Portugal,
Onde apenas alveja uma capela,
Perdida na negrura do pinhal.

São os degraus por onde vou subir,
Quando quero elevar meu pensamento
E ver o céu... que quâsi vou sentir...
Nas culminâncias dêste isolamento.

Ódio... Vaidades... tudo aqui é nada...
O mundo nas alturas é 'squecido...
Sempre em cima a serra é deshabitada...
Sempre em baixo há tétrico ruído!

R O S A S A A B R I R

Nestes castelos que vêm dominar
Regiões de sonho onde a alma vôa,
Sente-se a paz feliz do dormir,
Em quieta solidão que não magoa...

Dorsos gigantes, cuja mansidão,
Deixa poisar espíritos fugidos
Ao turbilhão do mundo da paixão,
Onde só há sofrer... ais doloridos!...

Eu gosto das campinas, mas às serras
Eu tenho grande amor e simpatia
Por não haver barulho, gritos, guerras,
Que me quebrem as asas da Poesia!...



DOIS SONETOS

I

O vale em que me encontro é solitário
E despido de fôlhas e de flores;
E para mor tristeza do cenário,
O céu cobre-se além de negras côres...

De passarinhos, já não há rumores...
Nada se sente... só um campanário
Dá sinal de recôlha aos cavadores,
Que ao pôr do sol terminam seu fadário.

É Outono... e são horas de Trindades...
Enquanto os camponêses lá vão indo...
Deixando assim desertas as herdades,

Eu fico só... o Sol do Val' fugindo,
Deixara atrás de si estas saüdades
Que no val', ao crepúsc'lo, vou carpindo!...

R O S A S A A B R I R

II

E eu comparo êste sol a um amor
Que se vai sem promessa de voltar...
Mas ao sentir, da ausência, a grande dor
Volta com mais desejo já de amar...

Oh! Mas é que depois do sol se pôr...
A alma triste que êl' deixou ficar
A's escuras... sem luz... e sem calor...
Desaparece... e busca outro lugar...

Então procura a sombra... a 'scuridão...
Onde não entre raio dêsse... sol
Que lhe vá quebrantar o coração...

...Mas por mais que se esconda, ao arrebol...
Ao sentir nova 'sp'rança de clarão,
A alma não resiste... e beija o Sol!...

NUVENS

Pairam no céu à tardinha
As nuvens de côr cinzenta
Quando a terra sonolenta
O fresco Outono adivinha...
E passam tão devagar,
Ao acaso e à ventura,
Que parecem ir poisar
Aqui a bem pouca altura...

Mas nuvens no céu são fumo,
Que não têm poiso nem rumo!

Mesmo aqui sôbre os casais
As nuvens em suspensão
Como rolos de algodão
Enrolam e desenrolam
E como fumos se evolum
Nestas tardes outonais...

R O S A S A A B R I R

A' hora que as nuvens fito
Eu qu'ria ter a leveza
E encher a mesma largueza
Lá no espaço infinito...

Mas as nuvens vão subindo...
E eu fico a vê-las seguindo,
Muito longe... e tão sòzinha...

Ai! se eu fôsse uma avezinha
Ia co'as nuvens também...

As penas... minha alma as tem!
Mas sem asas... pobrezinha!
Ficará como refêm...

Mas não fica o pensamento...
Vai co'as nuvens pelo além,
Como qualquer andorinha!...

CRUZ-ALTA DO BUÇACO

Encontro-te sózinha nesta altura,
Sem saber porque estás neste lugar...
Não vejo campanário... sepultura...
Que uma Cruz possa aqui justificar...

Não sei como vieste aqui pousar,
— O' Cruz feita de pedra assim tão dura
Foi da Terra, subindo, a voar,
Ou foi do Céu, descendo à Ventura?...

E a Cruz, como a do cimo do Calvário,
Mostrando-me, lá do alto, tôda a Terra,
Responde-me no monte solitário:

— A's costas do homem vim para esta serra,
Sendo p'los anos fora o meu fadário,
Mostrar a Cruz que cada Vida encerra!...

R O S A S A A B R I R

AURORA

Vais deixar-nos e amanhece
Mas na triste escuridade
Fica o luar da saúde
Gemendo, Aurora, amanhece!...

Fernando Caldeira

Ai, que lindo nome — Aurora —
Da criança encantadora
Que Deus levou para si!
Fôra também escolhido,
Êsse nome já perdido,
Que o nunca mais esqueci!...

Mas eu não digo a ninguém,
A madrinha, pai ou mãe
Que o dê a outra filhinha...
Talvez se não fôsse dado,
A'quele anjinho, adorado,
A mãe, de-certo, inda a tinha!

Mas «Aurora» é 'manhecer,
E' do dia, só, nascer,
E' o sol a despontar...

R O S A S A A B R I R

Portanto, Aurora na vida,
E' uma pomba fugida
Logo que possa voar!

Tinha cinco anos apenas...
A vida das açucenas
Dura mais que a desta flor...
Mas às vezes são cortadas
Também antes de acabadas
P'ra enfeitar Nosso Senhor!

Assim fôra — cá p'ra mim —
Roubada ao belo jardim,
A tua Aurora tão linda...
Não quis Deus que ela murchasse
Nem que o mundo a crestasse
Ai! e tu choras ainda!...

Foi qual Santa Terezinha
A tua Aurora rainha
Num lar de tanta alegria...
Só não entrou no Carmêlo,
P'ra também mostrar seu zêlo,
Por Deus, que depressa a qu'ria!

R O S A S A A B R I R

A ti invejo a sorte
De ter's assim uma morte
Que dá alegria ao céu...
A morte dum anjo é vida,
E' luz que vai de fugida,
Mãi dela... qu'ria ser eu!...

Pedes p'ra eu recordar,
E ao meu papel confiar,
A vida desta florinha...
Eu faço-te, sim, a vontade
Embora avive a saúde
Dessa chorada filhinha!

E eu p'ra falar de flôres
De saúdades... e amores...
Só verso sei redigir...
Não sabia usar da prosa,
P'ra lembrar botão de rosa,
Que nunca chegou a abrir...

Foi muito curto o viver
De Aurora, após o nascer,
Quási não tem biografia...

R O S A S A A B R I R

Mas p'ra ficar a lembrança,
Já que não temos a 'sp'rança,
Fica o retrato em Poesia!...

Retrato dela tens tu,
Em corpinho quási nu,
A' cabeceira do leito...
Só não tens retrato da alma,
E isso vou eu com calma,
Fazê-lo com pouco geito!...

.....
Nasceu longe... no Brasil,
Esta Aurora primav'ril...
Mas a Portugal chegou,
A três meses de nascida,
Sendo tão bem acolhida
Na casa que a mãe herdou.

E' que a casa de seu avô
Que o nome tanto lhe honrou,
Tinha de ser a mansão,
A gaiola... o pombal...
Da ave implume, afinal,
Que penas não teve... oh!... não!...

R O S A S A A B R I R

Viera p'ras serranias
Viver só co'avô e tias
Em santa paz de convento!
Ó Minho do nosso encanto!
Com teu silêncio tão santo,
E's d'alma recolhimento!...

Belas serras!... meu prazer!
Onde se vai recolher
O religioso e asceta...
Onde a nossa alma suspira,
Pela pureza da lira
Que torna místico, o Poeta!...

Viera Aurora espalhar,
Depois de transpôr o mar,
Seus orvalhos p'lo Pinheiro...
E aos pés da linda Cabreira,
Passa uma vida ligeira,
No seu sorriso fagueiro!

Mariposa que volita
Numa paisagem bonita,
Entre flores e arvoredos,

R O S A S A A B R I R

· Não pode ter outro sonho,
Que o do seu folgar risonho,
Ao saber que morre cêdo...

Assim passava a Nêné,
— Nome de Aurora em bébé —
Seus dias alegremente...
Primeiro a andar de gatinhas...
Depois nas leves perninhas...
Que nem mesmo o chão as sente!

Aos nove meses já tinha
Anseios de andar sòzinha
E de falar a quem via...
Oh! fôra precoce em tudo...
E na morte sobretudo...
Com uma lenta agonia!...

E porque ela adivinhava,
Que a Terra em breve deixava,
Pedira à Mãi um favor: —
Comungar aos quatro anos
A ninguém fazia danos
O receber o Senhor!

R O S A S A A B R I R

— Não há ordem na Igreja
P'ra quem receber deseja
A Jesus antes da morte?...
Mãi, eu não tenho'inda a idade...
Mas julgo não ter maldade,
Nem tão pouco fraco porte!

Olha, Mamã, o Bom Deus,
Dá-se sempre aos que são seus
Sem nunca olhar ao tamanho...
O que querê é alma pura,
Muita inocência e candura
e eu... julgo qu'ainda a tenho!...

Mãi, eu já sou de Jesus...
Ouvi-lhe eu aos pés da Cruz
Estas palavras dizer:
— Anda, filha, vem depressa,
Antes que o mundo te impeça,
Anda, morre... p'ra viver!...

— Por isso não tenhas pena,
Desta ditosa pequena
Que morre p'ra ser tão grande...

R O S A S A A B R I R

Lá do alto daquele céu
Nunca tão baixo par'ceu.
Aquê! que no mundo ande!...

Ditoso aquele que morre,
Quando atrás da vida corre,
Firme na Fé e na 'sp'rança...
Não há nada que não vença
Quando se envolve na crença
De achar um mar de bonança!

— Vai, Mamã, vai pedir,
P'ro santo padre aqui vir
Saciar meu coração...
Amor de Deus é tão forte
Que nem mesmo a própria morte
Lhe satisfaz a paixão!...

.....

Não pôde o padre velhinho
Dizer mesmo com carinho
Um não à casta criança...
Era tão firme o propósito
De ter no peito o depósito,
O sacrário d'Hóstia Santa...

R O S A S A A B R I R

Assim cedeu... quâsi à fôrça!
Não há ninguém que não tôrça,
Quando é Deus que no-lo pede...
Ditosa docilidade!...
Quando Jesus persuade
Quem é que logo não cede!...

Assim é satisfeita a ânsia
Desta cândida infância...
Jesus já dentro em si mora!
Agora espera o momento
De começar o tormento
Duma morte redentora!...

Ai! como ela previa
Que a sua fala fugia
Antes do chegar do fim...
Agora que já tem tudo...
O seu olhar cego e mudo
Só diz: — Jesus 'stá em mim!...

.....

Bem quisera a medicina
Sustentar esta bonina
'Inda algum tempo na Terra...

R O S A S A A B R I R

Mas que faz aqui o médico,
Se fica mudo... patético...
Perante o que Deus quisera!...

P'ra que choras tu mãi louca
E com coragem tão pouca
Tratas da tua Nêné?...
Tem 'sp'rança na vida dela...
Junto da Virgem tão bela...
E' mais feliz... oh!... se é!...

Ela não fala, mas sente,
O chorar de tôda a gente,
Que a rodeia na partida...
Não lhe lembrem a saüdade,
Que ela em tal ansiedade,
Já não sente a despedida!...

Não abafes com teus beijos
Êsses suaves manejos
Do anjo que quiere subir...
Não vês como as suas asas,
Já não cabem nestas casas,
Onde lhas querem partir?!...

R O S A S A A B R I R

Repara como sorri!
Mas, olha... não é p'ra ti...
Não tenhas ciúme, ó Mãi!
Amor mais alto levanta
Lindos olhos da infanta.
P'ró céu... onde 'stá seu Bem!

Atende... que êles vão fechar-se...
Aproveita o seu finar-se,
P'ra dizer-lhe último adeus...
Pronto!... Já nada esperes!...
Aquilo que agora fizeres...
Já não vê!... subiu aos céus!...

.....

Exaltai montes do Minho
Êste tão augusto ninho,
Onde, viveu esta Aurora!
O' panorama encantado,
Do serrano povoado
Onde a alma é sonhadora!...

Ó choupos, ó azinheiras,
Ó montanhas sobranceiras
Deixai voar a Nêné...

R O S A S A A B R I R

Muito p'ra cima de vós,
Ouve-se 'inda a doce voz:
— Vem ó meu anjo... Salvé!...

Já na casa do Pinheiro
Não se aspira o suave cheiro,
O odor do alvo lírio...
Já a morte ceifadora,
Traz o dia sem Aurora
Assim roubada ao martírio!

Apenas na câmara ardente,
Deixara o corpo a inocente
Para a saúde iludir!
Daqui, porém, por instante
Para aquêlê monte distante,
O funeral vai seguir!...

Últimas flores são deitadas...
Rosas brancas... esfolhadas...
Sôbre o caixão inda aberto...
Que rico tesouro encerra,
O cofre que ali espera,
O abade que já vem perto!...

R O S A S A A B R I R

Apressai-vos ó avós
Parentes de todos nós...
Triste Mãi... não grites mais!
Vem ó imagem da dor
Beijar Aurora ao sol-pôr...
Que se vai... p'ra nunca mais!...

— Adeus, filha até um dia.
De mais e mais alegria.
Que Deus nos volte a juntar...
A' Virgem roga p'la mãi
Que fôrças já mais não tem
P'ra neste mundo ficar!...

.....

Já longe vai o entêrro,
Subindo a encosta do cêrro
Onde fica o cemitério...
Da casa partem os gritos.
Lamentando muito aflitos
O quadro triste e funério!

Que grande acompanhamento
Num lento e triste andamento
Vai seguindo o ataúde!

R O S A S A A B R I R

Tantas opas côr da neve,
A cobrir... muito ao de leve
Numerosa juventude!...

E assim ficou sepultada.
A nossa Aurora adorada
Em cemitério de aldeia!...
Sol que foi p'ra nunca mais...
Deixa saüdosos, os pais...
Deixa a noite 'scura e feia!...

bibRIA



R O S A S A A B R I R

NA VIDA

Nesta jornada passo de-vagar!
Não porque seja longo o meu caminho,
Mas por caminhar como o pobrezinho...
A pé... e sôbre mim tudo levar!

Os meus bens... vão-me sempre acompanhar
E levo-os com amor e com carinho
Aqui no peito... dentro dum cofrinho
Que venho já de longe a transportar...

E co'esta riqueza íntima vou indo...
Umas vezes bem triste... outras sorrindo...
Por ter na vida gôsto... e ter desgôsto!

E agora... 'inda vai o Sol bem alto...
Ainda corro... ainda brinco e salto...
Mas que será de mim... logo... ao Sol-pôsto?!...

R O S A S A A B R I R

A ALMA DO CRIMINOSO

Noite de inverno, deixa o dia vir!
Que eu tenho medo desta 'scuridão.
Dêste silêncio!... desta solidão!...
Onde vejo fantasmas a bulir!...

Ai! deixa-me de-pressa o galo ouvir
P'ra me trazer aurora co'um clarão,
Que me leve daqui esta visão
Que não me deixa mais de perseguir!

E' mais feio que a Dor e até que a Morte.
O espectro que me vem fazer a côrte
Nêste escuro onde tremo como um vime!...

Já fui ladrão!... e já também matei!...
Ai! Mas eu nunca... ai! nunca imaginei:
Custar mais o Remorso... do que o Crime!...

BALADA DE COÍMBRA

Está Coímbra sentada
No cimo duma colina,
Como princesa assentada
Em trono de pedra fina!

No alto, a Universidade,
Diadema de grandeza,
E' desde remota idade
Fulcro de maior beleza.

Como um castelo de luz,
Domina tôda a paisagem...
De bem longe ela reluz
Com a Tôrre de Menagem.

Passa em Coimbra o Mondego,
Num leve e doce andamento,
P'ra não quebrar o sossêgo
Ao estudo e ao pensamento!

R O S A S A A B R I R

E ao passar por tanta terra
Não vira nenhuma assim...
Tanto encanto que ela encerra!
Tanta flor! tanto jardim!...

E lá vai dizer ao mar,
As belezas... os amores...
Que surpreendeu ao passar
Pela terra dos doutores!

E lá vai... lá vai chorando,
De Coimbra atrás deixar...
El'qu'ria mesmo sonhando,
Sempre em Coimbra ficar!



R O S A S A A B R I R

II

Como o rio é o estudante
Quando termina o estudo...
Parte co'a dor cruciante
De em Coimbra ficar tudo!...

Deixadas as fitas largas...
Deixam-se também as 'sp'ranças!
São horas doces e amargas
Que vão passar a lembranças!

Depois de Coimbra partir...
Resta apenas recordar!
Quando a saúde a florir
A alma vem perfumar!...

Bem sente o doutor as penas,
De deixar moço e tão cêdo,
Os Jardins da Lusa-Atenas,
— Santa Cruz e o Penêdo!...

R O S A S A A B R I R

Ali vivera de Sonhos
Sonhos lindos... côr de rosa...
Quando aos vinte anos risonhos
Se lhes mostra a vida airosa!

Ali tivera os anseios
Tão próprios da mocidade!
As quimeras... devaneios...
De que agora tem saúde!...

A capa já tão velhinha
Foi posta no fundo da arca...
Tão desbotada... e rotinha...
E' trofeu que a vida marca!

Nunca mais volta ao Choupal,
Envolto na capa negra...
O bosque do madrigal
Que o rouxinol tanto alegra!

E a república lá fica...
Já com menos um doutor,
Que parte co'a pasta rica
Que lhe oferecera o amor!

R O S A S A A B R I R

III

'Studante como D. Nuno
Vai... Vai-te a Deus consagrar
Neste momento oportuno
Comêço do batalhar!

Reveste-te dessa Fé
Que faz o homem vencer
E andar por sôbre a maré
Da vida... que é sofrer!

Já lá vai a vã quimera...
Teu viver desp'rocupado...
Não 'speres primavera...
Outono 'stá começado!...

Vão cair as ilusões
Da tua alma sonhadora!
Prepara p'ra as decepções
A Vontade lutadora!...

R O S A S A A B R I R

Tu vais em breve sofrer
Amargos da profissão...
Põe sempre no teu saber
O sentir do coração!

Médico talvez serás
Nos mais pobres hospitais...
No caminho encontrarás
Só gemidos... tristes ais!

Se fores jurisconsulto
Respeita sempre a Verdade
Nunca uses do insulto
P'ra defender a Maldade!

No mister de professor,
Sê justo no teu ensino.
Ensina como o Senhor...
Seja grande ou pequenino!

R O S A S A A B R I R

SOL POENTE

Solitária... deixou-me a meditar...
O Sol que tristemente desapar'ceu...
Com êle... foi a 'spr'ança que morreu...
Comigo... uma saúde quis ficar!

Saúde só dum dia que passou?...
Não... também a da doce companhia,
Dum amor, que eu p'ra sempre despedia,
Ao pôr dum Sol que a Terra iluminou...

Amanhã voltará o amanhecer...
P'ra amor, porém, não volta a madrugada...
Pois não há luz que o possa esclarecer...

Perdôa... se a paixão te vim matar...
Mas nesta alma, que assim te fez sofrer,
Morreu amor... de quem não pôde amar!...

R O S A S A A B R I R

UM NÃO

Esta palavra maldita,
Que nos fere o coração,
Nunca deve ter perdão...
E' sempre... sempre exquisita!

Ainda que haja razão,
Causa sempre ela a desdita,
A' alma que muito aflita
Pede amor... favor... ou pão!

Por ter som desafinado,
Deve ser sempre evitado,
De ser lançado no ar...

Ai! Fôra um não fermentado
Da tua bôca saído,
Um tiro p'ra me matar!...

R O S A S A A B R I R

POBRES

Anoitece!... a neve cai!...
O Sol... vai fugindo além...
De frio a Terra se cobre!
Triste do que não tem pai
Nem amor terno de mãe
Pois não pode ser mais pobre!

Jantar lauto... mesa rica...
Feita ao fogo da braseira
Parece não ficar bem,
Quando o pobre assim suplica
Apenas doce fogueira
Já que ao menos pão não tem!

Ditoso aquê! que ceia
De família bem cercado
N'algum banquete abundante,
Quando p'ros pobres da aldeia
Bem reparte a casa cheia
Por amor ao semelhante!

R O S A S A A B R I R

Tu que tens tanto dinheiro
E és assim feliz no mundo
Repara bem na magreza
Dos filhos do jornaleiro
Que vive em casebre imundo
Onde só brilha a tristeza!

Começa, pois, ano novo
A dar pão aos indigentes,
E também falas de amor...
São a nobreza do povo,
Os que têm riqueza ingente,
Quando apagam fome e dor!...



SANTA CRUZ DE COÍMBRA

Não sei porque estás triste e tão morena
Igreja de Coímbra que eu adoro!...
Se em ti os estudantes fazem cântico
Louvando Deus e a Virgem em novena!

Porque estarás assim cheia de pena,
Quando se acolhe a ti a mocidade?!...
É talvez a lembrança... é a saudade...
De quando a nossa Pátria era pequena?!...

Saüdades daquêl'Rei que jaz ali...
Que funda a Pátria e funda a Igreja aqui...
Numa obra de arte... feita em pedra dura?!...

Mas mais que o Rei, te lembra o gran'Camões
Que aqui tivera tôdas as lições
P'ra dilatar a Fé... Mais a cultura!...

PINHAL DE LEIRIA

Silêncio!... vastidão!... sombra!... é Pinhal
A' beira-mar plantado por um Rei!...
Rei de paz!... Português!... honra da grei!
Rei Lavrador!... Rei-Poeta!... cultural!

A tarde vai caindo lentamente...
E o sol quasi a findar o belo dia,
Vai deixando a floresta mais sombria,
Furtando-lhe o olhar aurifulgente.

E a rua continua sempre imensa
Através do Pinhal... até ao mar...
E vai andando... sempre... sem parar...
Na 'sp'rança de acabar co'a mata densa!

Mas a 'strada não finda... e a ramagem,
Cobrindo arrifes e aceiros lá por cima
Esconde a luz que o azul do céu sublima
Deixando só clareiras na paisagem!

R O S A S A A B R I R

... Aqui por esta Mata andara a 'spôsa
De D. Denis, outrora, a abençoar
Semente que o Rei veio aqui lançar
P'ra que a árv're nascesse mais frondosa!

E parece que passam 'inda agora,
Por 'qui de braço dado, os dois consortes
A admirar o Pinhal melhor das sortes
Que doaram à Pátria sucessora!

E ao passarem, a Santa com fervor
Abençoa a ramada dos pinheiros,
P'ra que, p'los tempos fora haja brazeiros
P'ra acalentar os pobres do Senhor.

E os pobrezinhos levam aos braços
A lenha que há-de ser o seu conforto
Bem dita esmola dêsse Rei já morto,
Rei de Portugal, entre os mais letrados!

E ao levá-la, bem dizem Reis tão Santos...
Almas eleitas... almas da História!
Figuras que'inda trazem na memória
Passados tantos anos!... tantos!... tantos!...

R O S A S A A B R I R

E bemdizem essa Alma de Rainha,
A Santa que ao Rei, Deus do céu, mandara
P'ra lhe trazer a paz à Pátria cara,
Mandando-o pôr a espada na bainha!

E nem t'riam os reis que sucederam,
Naus p'ra fazerem grandes descobertas
De além dos mares... terras tão incertas...
Se não fôssem os lenhos que cresceram!

E os pinheiros direitos e altivos,
Como fortes soldados em sentido,
Aqui 'stão em silêncio recolhido,
A viver anos... anos sucessivos!

E o Pinhal de Leiria, em homenagem,
A's Virtudes dos Reis, primeiros donos,
Não reconhece: nem mais reis, nem mais tronos...
E continua a prestar-lhes vassalagem!...



A MISERICÓRDIA

Existe a dor, existe o sofrimento,
Naquela Santa casa, erguida além!
Ouço de lá sair triste lamento!
Parece que lá dentro, sofre alguém!

— E' que aquela casa é recolhimento
Dos males dos pobres que a terra tem...
Onde êles têm remédio e têm sustento...
Onde êles entram mal e saem bem...

Onde os sustenta a doce Providência,
Que os recolhe naquela residência
P'ra lhes curar o corpo d'enfermidade!...

— Mas que Amor, lhes assiste na doença?!
Qual mulher os bafeja co'a presença?!
— Só uma Irmã... a Irmã da Caridade!...

VÔO DA ALMA

Aos novos... lá vai pela chaminé
O fumo da fogueira que me aquece!
E sobe para o céu como uma prece
E foge... foge... até não ser o que é!

E eu fico-me sentada no tripé
A ver também a chama que amortece
A' medida que a lenha d'saparece
No lar onde se faz o auto-de-fé.

E tudo se desfaz em fumo e chama
Sobre a pedra onde a lenha tem a cama
Ficando só a cinza... pó... e nada!

Assim o corpo se há-de desfazer
Na campa em pó... até d'saparecer,
Subindo ao céu a alma emancipada.

A SAÜDADE

Saüdade, mimosa flor,
Que perfuma meu viver,
Quando às vezes ao sol-pôr,
Eu lembro... p'ra não 'squecer...

Encontro-a à beira do rio,
Quási sempre em solidão...
O seu tão simples feitio
Cativa meu coração!

Vejo-a sempre em meu jardim
Pequenina... rés-do-chão...
A saüdade é para mim
A flor de meditação!

E' flor de melancolia
Trazida só por quem ama...
E' de Amor e simpatia
O perfume que derrama!

R O S A S A A B R I R

Nasce sempre em despedida
Na longa ausência floresce
Se a amizade é bem querida
A saudade muito cresce!

«Doce amargo de infelizes»
Chama o Poeta à saudade!
Se tem amargas raízes...
A flor é de suavidade!

Sempre a saudade é florida
No peito dum português...
E sem ela... não há vida
Que seja doce... talvez!...



R O S A S A A B R I R

OUTRO NASCER

Todos os dias vejo ao pé da porta
A velhinha sentada a meditar...
Curvada para o chão, já não lhe importa
Os olhos para a vida levantar!

E eu passo... e a velha fica absorta...
Sem nada me dizer... sem me falar...
Já a minha presença a não conforta...
Porque não vê... não sente o meu andar!...

Está cega!... já não vê!... e não caminha!
Passou a vida já pela velhinha...
Morre o corpo... cansado de viver...

Agora... espera a vida que não finda...
Porque após esta... p'ra outra vida ainda
'Speram os velhos outra vez nascer!...

R O S A S A A B R I R

NO PENEDO DA SAÜDADE

(DESPEDIDA)

Deixo-te ó pedra, quando da abalada
Desta Coímbra de poetas e amores!
Nunca uma pedra fôra mais lembrada
Na Mocidade e Vida dos doutores!...

Mas neste monte ficas assentada,
Sofrendo o tempo mais os seus rigores,
Enquanto eu, co'a saüdade amargurada
Vou partir... sabe Deus... p'ra quantas dores!

Ai! O' pedra, os meus sonhos... vãos d'alma...
As gratas ilusões da mocidade...
Só as tivera nesta altura calma
Onde se ergue o Penedo da Saüdade!

Como eu sonhava... quando aqui te via,
Olhando a imensidade do horizonte,

R O S A S A A B R I R

Por onde meu olhar se repartia,
Sem pesar que enrugasse minha fronte!

Como nesta largueza de paisagem,
Nesta extensão de serras e olivedos,
Fôras tu sempre a tôrre de menagem...
Dos castelos no ar... dos meus segredos...

Daqui fazia vôo o pensamento,
Perdendo-se no espaço... na amplidão...
Na ânsia de se elevar no firmamento
Quando era mais leve o coração!...

A' tua sombra fiz primeiros versos...
E quem os não fêz... quem aqui subiu!...
Tantos são os que tens aqui dispersos
E que Apolo em pedras esculpiu!

De Coímbra fôras tu sempre o Parnaso
Co'a Fonte de Hipocrene dada às musas
Onde o sol ao nascer e no ocaso
Surpr'endia poetas de almas lusas!

R O S A S A A B R I R

Parece que a ver estou António Nobre
João de Deus, Antero e Camões...
Sob esta mesma sombra que nos cobre
Traduzirem seus versos em canções!

Estou cansada... já não posso mais...
Chorar dores cruéis da minha ausência...
Mas que valem meus prantos... tristes ais!
Se eu tenho de partir... é uma exigência!...

Fica-te pois, ó pedra nesta alteza
Neste trono de b'leza e de Poesia,
Que eu vou partir... mas parto co'a certeza
Que fica em tua volta a Academia!...



O SUICIDA

Em silêncio... trágico... e sòzinho...
Levanta-se da cama a horas mortas,
E sem fazer barulho com as portas,
Sai de casa aquêl'vulto em desalinho!

A noite escura, encobre-lhe o caminho...
Mas através dos campos, pisando hortas
O vulto segue o rumo das comportas
Do canal, que já deve estar pertinho...

A medo... pára!... p'ra ver se vê alguém...
Mas nem a 'scuridão... nada o sustém
De chegar ao fim triste... de afogado!...

E sem vislumbre mais de Fé ou 'sp'rança,
Abeira-se do rio, e na água mansa,
Manda p'ro Inferno a alma, o desgraçado!...

QUADRAS

Tu queres saber porque ando
Tão alegre nesta vida?!
E' por em Deus ir pensando...
Não ter a 'sp'rança perdida!...

Nunca me queiras negar
Que não tens por mim paixão...
Se eu vejo no teu olhar,
O que sente o coração!

Muitas penas qu'ria ter
P'ra com leveza voar...
Mas tenho-as na alma a crescer
P'ra me fazerem pesar!...

E' na aldeia sempre o sino
Que nos chama à oração...
Mas p'ro amor, meu menino,
Chama-nos o coração!

R O S A S A A B R I R

Saiu o vapor p'ro mar...
Encobriram-no altas ondas!
Amor que vais viajar
Aparece... não te escondas!

bibRIA



R O S A S A A B R I R

INCOMPREENSÃO

Só a ti... que me dizes que sou triste...
Que ando sempre sòzinha a olhar o chão...
Que avisto indiferente a multidão...
Que em minha alma qualquer mistério existe...

Só a ti... que jámais me conseguiste
Achar a chave deste coração
Que se fina da tua incompreensão
E que a tão grande dor já não resiste...

Eu qu'ria abrir p'ra sempre esta cadeia
Onde um fogo sagrado mais se ateia
P'ra queimar a minha alma... assim sòzinha.

Mas tu não me compreendes, meu amor,
E é por isso que vivo neste horror...
Só por tua alma... não dizer co'a minha!

POBREZA REPARTIDA

I

O velho ia seguindo o seu caminho
A passos lentos... trôpego e sòzinho.
A' custa de cansaço e de oração
Nos alforges, p'ra ceia, leva pão.
Jà de fome não morre o caminheiro,
Mas p'ra dormir... não tem 'inda palheiro.
Tem o fato rasgado e a noite é fria
E era frio e não fome o que sofria...
De olhar profundo e triste era seu rôsto
O retrato expressivo do desgosto...

II

Seguia o velho a 'strada amargurada
Quando avista uma casa apalaçada...
Altos muros e tão altos portões
Guardam a casa rica dos ladrões...
E o velho ao ver assim tudo fechado
Receia que dali seja espancado!

R O S A S A A B R I R

Mas puxa p'lo cordel da campainha
P'ra ver a resposta que ali tinha...
Mas esta fôra a mesma de outros ricos:
— Pobres! à noite! são mafarricos!...
Podem roubar a casa... e incendiar
Os currais que lhes damos p'ra ficar!...
E o pobre velho, não podendo mais,
Senta-se na valeta, soltando ais!...
Ia morrer de frio aquela noite
Por não achar ninguém que um pobre acoite!
Mas no caminho passa um lenhador
Que trás na fronte as bagas do suor
De lidar no pinhal um dia inteiro...
A lenha que trás vai fazer brazeiro.
P'ra aquecer o casebre onde os filhinhos
O esperam esfomeados e rotinhos...
Os bolsos vão vazios... mas a lenha
P'ro lar que nem roupa, nem pão tenha,
E' conforto... alegria... f'licidade...
Doce calor! ditosa claridade!
Que derrama a fogueira na choupana
Quando é de gente boa... gente humana!...

R O S A S A A B R I R

III

Seguia o lenhador assim p'ra aldeia
Ajoujado co'a lenha para a ceia
Quando sente gemidos na valeta
E rebolar no chão a sombra preta
Dum vulto que parece ser humano...
Abeira-se, p'ra ver se é um cigano...
Porém... a voz que fala e também geme,
E' de homem que de fome e frio trême!
Deita o trabalhador o molho ao chão;
E sem hesitar pega numa mão,
Que se lhe estende trêm'la e tacteando
O braço forte que 'inda vem suando,
Do trabalho, que Deus sempre abençôa...
O' trabalhador, alma nobre e boa
Que dás a mão ao pobre abandonado
Has-de ser p'lo Senhor recompensado!...

.....

Já a família tôda inteira,
E o velho descansando numa esteira,
Junto ao lume, onde ferve uma panela,
Esperam frugal ceia. Na tijela...

R O S A S A A B R I R

Já têm migado o pão que o velho deu...
Póis, em casa, não tinham nenhum seu!

.....

Assim a 'smola do pobre foi riqueza,
Que houve no lar, aquela noite, à mesa!...

bibRIA



FONTE DOS AMORES

Nada valera, ó Fonte, a timidez
De trazer's 'scondidas na corrente
As mensagens de Amor, amor ardente
Mandadas por D. Pedro a D. Inês.

Indo sempre à Fonte uma e outra vez
P'las cartas que viessem, impaciente,
A linda Inês revela o amor que sente
Amor eterno... Amor de embriaguez!

Assaltam os algozes Santa Clara...
E ali roubam a Inês a vida cara
Que ia beber à Fonte sua 'sp'rança...

P'ra sempre fica a Fonte em solidão...
E em peito de D. Pedro, o coração,
Vasio de Amor... cheio de vingança!...

A TRISTE FÔLHA CAÍDA

Pela árvore abandonada,
E pelo vento impelida
Para a poeira da estrada,
Já sem viço e sem côr,
Nunca mais volta à ramada
Onde teve seu frescor...

A triste fôlha caída!

Já lá vai a Primavera,
E o Verão, que'inda a quisera
Ter no ramo mui viçosa...
Mas Outono a envelheceu...
E ao vir o Inverno, morreu,
A fôlha outrora mimosa!

R O S A S A A B R I R

E agora no chão jazida,
Tão rugosa e ressequida,
Sem frescura e sem vigor,
Só 'spera ser misturada
Ao lixo da mesma estrada
Pelo vento varredor...

A triste fôlha caída!...

bibRIA



O TEU RETRATO

A mim deste o teu retrato,
Uma estampa de beleza...
E' pequeno o seu formato...
Mas é grande a singeleza!...

No vestir vejo a pureza
Dum viver sempre pacato...
Na atitude, a natureza
Dum sentir, de mal, intacto...

No teu rosto... já não falo...
Lá belo é... se não quiseses
Que isto diga... não me ralo...

Mas não negues meus dizeres...
Porque sabes... meu regalo...
E' dizer-te o que não queres!...

RESIGNAÇÃO

Passou aqui há pouco o sofrimento...
Vinha lívido... côr da própria morte...
Bateu-me à porta... dei-lhe acolhimento...
Em seguida pedi-lhe o passaporte...

Preguntei-lhe quem era e qual tormento
O fazia vaguear assim sem norte...
Sem hesitar... responde num momento:
— Andava a procurar uma consorte...

... E afinal encontrei-a agora aqui...
Foi o destino que me trouxe a ti
P'ra te dar minha sorte... meu viver...

— Abusas da fraqueza da mulher...
Mas já que p'ra sofrer também nasci,
Sejamos um do outro... Deus o quer'!...

bibRIA

R O S A S A A B R I R

ÍNDICE

	Pág.
A' guisa de prefácio	7
«Rosas a abrir»	13
Cruzeiros	14
Órfã de Mãe	16
Tôrre-de-Anto.	17
Serras	18
Dois sonetos	20
Nuvens	22
Cruz Alta do Buçaco	24
Aurora	25
Na vida.	39
A alma do criminoso	40
Balada de Coimbra	41
Sol Poente.	47
Um não.	48
Pobres	49
Santa Cruz de Coimbra	51
No Pinhal de Leiria	52
A Misericórdia	55
Vôo da alma	56
A Saüdade.	57

R O S A S A A B R I R

	Pág.
Outro Nascer	59
No Penedo da Saúde	60
O Suicida	63
Quadras	64
Incompreensão	66
Pobreza Repartida	67
Fonte dos Amores	71
A triste fôlha caída.	72
O teu retrato.	74
Resignação.	75

bibRIA



c/a 5.

DA MESMA AUTORA:

a sair brevemente

Uma Lição de Música, Poesia e Dança
(TEATRO)

biblioteca